

Nove de Abril

Ilustrações de Aureliano Barrigas





Câmara Municipal
Presidente
Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos
Vereadora da Cultura
Eugénia Margarida Coutinho da Silva Almeida

Grémio Literário Vila-Realense
Responsável
António Manuel Pires Cabral

Título: *Nove de Abril – Ilustrações de Aureliano Barrigas*
Texto de Elísio Amaral Neves
Aquarelas: coleção de Manuel Eduardo dos Santos Taboada
Edição: Câmara Municipal de Vila Real • **Grémio Literário Vila-Realense**
cm-vilareal.pt • **gremio.cm-vilareal.pt**
Vila Real, Abril de 2018
Tiragem: 200 exemplares
Depósito Legal: 439230/18
Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tipografia, Lda. — Vila Real

Nove de Abril

Ilustrações de Aureliano Barrigas



Nove de Abril

O Nove de Abril de 1918 — data da Batalha de La Lys e da defesa da pequena povoação de La Couture (na região da Flandres, norte de França) pelo Batalhão de Infantaria n.º 13 (adiante designado por RI13), entre outras forças que integravam o Corpo Expedicionário Português — C.E.P. — ganha, pelo carácter extraordinário da acção, «um valor simbólico que se mantém até aos nossos dias».

A. M. Pires Cabral, que cito no parágrafo anterior, recorda igualmente que «o sentimento de gratidão pelo supremo sacrifício de tantos e tantos soldados gera o desejo de os homenagear».¹

Manuel Cardona, numa das muitas crónicas que escreveu para a secção “Carta Literária” do jornal *O Povo do Norte*, classifica a participação do C.E.P. — num texto que mais não é do que uma homenagem — como «incêndios de heroísmo».

Mal vai hoje o título destas crónicas [9 de abril] — Carta Literária —, para assunto de tanta monta e de tão épica importância.

Linhas humildes, pequeninas, que o título sugestivo e imerecido desculpa, — tenho tecido n’elas toscos pedaços de renda, dum renda quase incoerente e leve que anda a envolver quase sempre, na sua desmanchada graça, graciosos perfis da Mulher-Sonho, e da Mulher-Saudade...

Eu sinto-me pequeno, inútil, muito amarrado à terra, muito longe do Céu onde brilharam em rútilos clarões, incêndios de heroísmo — para poder dizer tudo o que foi a acção dos Portugueses na Grande Guerra!

¹ A. M. Pires Cabral, “Como Vila Real homenageou os seus mortos da Grande Guerra”, in Revista *Tellus*, n.º 36, Vila Real, Junho de 2002, pp. 1-19.

Seria preciso que a minha pena fosse temperada no aço das espadas e das baionetas, que nas terras pantanosas e lúgubres das trincheiras, se torceram e partiram com fragor no embate titânico de lutas infernais!

Seria preciso que eu tivesse na retina, para sempre, toda a fantástica visão super-humana de labaredas trágicas rasgando a noite, de rostos selvagens de soldados salpicados de lama e gotejantes de sangue!

Seria preciso — sei lá! — que nos meus ouvidos martelassem ainda, pavorosamente, o ribombar oceânico e feroz de tantas goelas escancaradas vomitando metralha, e a gritaria uivada, rouca, da malta das trincheiras saltando parapeitos, lutando corpo a corpo, rasgando, dilacerando carnes, regando com o seu rubro sangue lusiada, a terra lamacenta da Flandres!

Escrever, para quê? Palavras feitas a tinta — a tinta que morre cedo, que o tempo depressa leva...

Não! Não sei escrever. Sinto. Vivo toda essa tragédia gigantesca na mesma vibração altíssima e profunda com que vivo num orgulho indomável, tantas páginas imorredeiras da nossa História.

Soldado que foste à Guerra! Sim, tu, apenas tu, podes contar altivamente impressões como estas que eu transcrevo ao acaso:

«—...Há os sacudidos de vômitos brancos, intermináveis.

— Da minha bateria escapei só eu, — diz um.

E aquele que está sentado com a cabeça entre as mãos e os olhos perdidos, repete com voz cava, falando consigo:

— Foi o Alcácer Kibir do C. E. P....

O capitão Q..., amparado por dois soldados, avança todo encharcado em lama, negro, desvairado, pintado a sangue e pólvora.

Conta a batalha em gritos, anseios e gestos doidos.

Mas dir-se-ia possesso d'aquela visão de inferno.

— Eu estava nas linhas. Saímos hoje de manhã. Às 4 da

madrugada rompe um dilúvio de metralha tão formidável, como nunca vi nem sonhei: A tempestade de ferro durou horas.

Um do lado confirma com os olhos dilatados:

— Eu vi, eu vi: Ao atravessar os campos, as granadas caíam aos milhares! Alevantavam o chão todo! A terra fervia em cachão!

E aquele:

— Lembrava o Inferno, a terra toda a arder! O outro agora ergue-se e avança, recua, esbraceja, pincelando a sua história num delírio:

— Depois, ao vir da manhã, atacaram. Atacaram em massa, às ondas, sempre em ondas, numa catadupa de homens. Só muito perto os vimos surgir do nevoeiro espesso da manhã. De nós os que ficámos, raros intactos, resistimos até à última...»²

M. C.

O comportamento dos nossos militares na Flandres, e de modo particular na Batalha de La Lys — como em África e no Mar³ durante a Primeira Grande Guerra —, longe de ser considerado uma derrota, dado o desfecho trágico que tiveram, foi, pelo contrário, atendendo à desproporção das forças que se confrontaram e do heroísmo dos militares portugueses, uma notável página da história do RI13, justificando todas as homenagens que se realizaram ao longo destes cem anos.

Recordemos, sem distinguir os teatros de guerra — Flandres, África e Mar —, algumas das mais importantes manifestações de apreço realizadas ou com repercussão em Vila Real:

Celebração anual dos acontecimentos relacionados com os dias

² M. C. [Manuel Cardona], “9 de Abril”, in *O Povo do Norte*, Vila Real, 13 de Abril de 1924, p. 1.

³ Não podemos deixar de lembrar a morte heróica, no dia 14 de Outubro de 1918, do comandante do caça-minas ‘Augusto de Castilho’, 1.º tenente José Botelho de Carvalho Araújo, na luta contra um submarino alemão, quando escoltava o paquete ‘São Miguel’, em viagem do Funchal para Ponta Delgada, no mar dos Açores.

9 de Abril, 14 de Outubro e 11 de Novembro (data do Armistício); Sidónio Pais, na qualidade de Chefe de Estado, condecora os heróis do ‘Augusto de Castilho’ (1918); a Avenida Municipal, por sugestão da União Artística Vila-Realense, passa a designar-se Avenida Carvalho Araújo (1919); o Batalhão do RI13 é distinguido com a Cruz de Guerra de 1.^a Classe (1919)⁴; homenagem aos dois comandantes do Batalhão do RI13⁵, major Gustavo de Andrade Pissarra e capitão Bento Esteves Roma (1919); são fixados em lápide, no quartel da unidade, os nomes dos mortos do Batalhão do RI13 na Grande Guerra (1920); lançamento da primeira pedra do Monumento a Carvalho Araújo (1923); a Rua dos Ferreiros passa a designar-se Rua Sargento Pelotas (1923); criação da Agência de Vila Real (sob a designação de ‘La Couture’) da Liga dos Combatentes da Grande Guerra (1925); são fixados em lápide, nos Paços do Concelho, os nomes dos mortos do Batalhão do RI13 na Grande Guerra, naturais de Vila Real (1925); a Rua Central passa a designar-se Rua dos Combatentes da Grande Guerra (1926); inscrição na bandeira do RI13 da seguinte legenda: “Infantaria 13 — Ao valor do Regimento de Peniche 1795 — Tolosa 1813 — S. Sebastião 1813 — Nive 1813 — Grande Guerra (França) La Lys (La Couture) 1918” (1927); a Rua do Passeio Alegre passa a designar-se Rua Sargento Belizário Augusto (1928); reorganização em Vila Real do RI13⁶ (1931); inauguração do Monumento a Carvalho Araújo (1931); Avenida General Alves Roçadas (1938); “Marcha de Vila Real”, 1948 (a letra, que, como a música, é do Padre Ângelo do Carmo Minhava, faz referência a três dos heróis da Grande Guerra); a casa onde Carvalho Araújo⁷ passou

4 Muitos dos seus militares — praças, sargentos e oficiais — são condecorados a título individual.

5 A letra da Canção do RI13 (1911) foi acrescentada, após a participação da unidade na Grande Guerra, com duas novas estâncias alusivas à Batalha de La Lys (música do chefe da banda António Romano, letra do capitão António Álvares Guedes Vaz).

6 O RI13 é dissolvido na sequência do seu envolvimento na Revolta de 3 a 7 de Fevereiro de 1927.

7 A título de exemplo, citemos algumas outras iniciativas de homenagem a Carvalho Araújo, na nossa opinião não tão importantes como as já referidas: “Hino a Carvalho Araújo”, com

a sua infância⁸ é sinalizada com uma placa (1981); Rua de La Lys e Rua 9 de Abril (2000).

Homenagens são também os livros e os artigos publicados por escritores e militares, de que destacamos os de origem trasmontana e alto-duriense:

Pina de Moraes (escritor e militar, natural de Valdigem, Lamego), *Ao Parapeito*, Porto, 1919 (tradução francesa *Au Créneau*, Paris, 1930); do mesmo autor, *O Soldado-Saudade na Grande Guerra*, Porto, 1921; Domingos Monteiro (escritor, natural de Barqueiros, Mesão Frio) dedica um capítulo do romance *O Caminho para Lá*, Porto, 1947, à partida de Vila Real do Batalhão do RI13; António Manuel da Motta e Costa (militar, natural de Vila Real) é encarregado, em 1921, de «elaborar a monografia relativa à acção do 1.º Batalhão do Regimento de Infantaria n.º 13, durante o tempo em que esta unidade, fazendo parte do Corpo Expedicionário Português, combateu em França ao lado das tropas aliadas», de que resultou a obra *Subsídios para a História do R. I. 13*, Vila Real, 1959; Bento Esteves Roma (militar, natural de Chaves), *Os portugueses nas trincheiras da Grande Guerra*, Lisboa, 1921; David José Gonçalves Magno (militar, natural de Lamego), *Livro da Guerra de Portugal na Flandres*, em dois volumes, Porto, 1921; do mesmo autor, *Les Lobes – (Vizinhanças de La Couture) – 9, 10 e 11 de Abril de 1918 – Derradeira resistência portuguesa na batalha do Lys*, [S. L.], 1961; do mesmo autor, *La Couture perante a História*, [S. L.], 1966; Horácio de Assis Gonçalves (militar e escritor, natural de Vinhais), *A Infantaria na Flandres e na História*, Guarda,

música e letra do tenente Manuel Canhão (década de 1920); Escola Primária Superior ‘Carvalho Araújo’ (década de 1920); deliberado criar na Biblioteca Municipal uma «pequena biblioteca alusiva ao acto heróico do tenente da Armada Carvalho Araújo» (1923); Grupo n.º 24 de Adueros ‘Carvalho Araújo’ (1931); ‘Carvalho Araújo’ Foot-Ball Club (1937); Garagem ‘Carvalho Araújo’ (1938); Centro de Explicações ‘Carvalho Araújo’ (1982).

⁸ Rua Camilo Castelo Branco, n.ºs 14 e 16.

1920; do mesmo autor, *Infantaria 12: nos redutos “Le Marais” — Batalha do Lys, 1918 — Para a História do C. E. P.*, Porto, 1933; do mesmo autor, *No combate — ligações entre a infantaria e a artilharia, segundo as lições da Grande Guerra*, Porto, [S. D.]; do mesmo autor, *Portugal na Guerra — O Batalhão Expedicionário de Infantaria 12 na Flandres (1917-1919)*, Porto, 1925; do mesmo autor, *Na Ceplandia — Retalhos da Grande Guerra — (1917-1918)*, Porto, 1920; do mesmo autor, *Chama da Pátria — Esforço de Portugal na Grande Guerra*, Coimbra, 1924; do mesmo autor, “O Vinte e Três” — *Efemérides biográfico-sintéticas deste Regimento, desde a sua origem (1806) até aos fins da Grande Guerra*, Porto, 1926; do mesmo autor, *Rescaldo da Flandres — o meu último depoimento para a História do C.E.P.*, Porto, [S. D.]; António Granjo (político e escritor, natural de Chaves), *A Grande Aventura — (Scenas da Guerra)*, Lisboa, 1919; Artur Botelho (escritor, natural de Mouçós, Vila Real), *A Europíada — Epopeia em que se canta a Grande Guerra*, obra em fascículos, Porto, 1935-1937; Visconde de Carnaxide (escritor, natural de Vila Real), poema “O Soldado Desconhecido”, in *No Fim do Outono*, Lisboa, 1922, p. 67; do mesmo autor, poema “Heroicidade. À memória de Carvalho Araújo e à minha terra”, in *Quarto Livro de Versos*, Lisboa, 1928, p. 59.

Exemplos de artigos na imprensa vila-realense: Manuel Cardona (escritor, natural de Cever, Santa Marta de Penaguião), de que acima publicamos uma crónica; João Campos (escritor, natural do Rio de Janeiro, Brasil, mas a viver em Vila Real desde tenra infância) publica na secção “De capa e batina...”, do jornal *O Villarealense*, um artigo sobre o “Nove d’Abril”⁹; Trindade Coelho (escritor, natural de Mogadouro) publicou n’ *O Primeiro de Janeiro*, Porto, de 14 de Outubro de 1923, um artigo sobre Carvalho Araújo,

⁹ *O Villarealense*, Vila Real, 9 de Maio de 1929, p. 2.

que *O Villarealense* transcreve¹⁰; Maria Feyo (escritora, natural de Guiães, Vila Real) escreve um artigo no jornal *O Villarealense*¹¹, com pretexto nos dois sonetos dedicados a Carvalho Araújo que o poeta José Trêpa, natural de Santo Tirso, publica no livro *Pátria Eleita*; Afonso de Castro (escritor, natural de Vila Real) publica no jornal *Ordem Nova*¹² o poema “9 d’Abril”, que diz estar incluído num folheto distribuído por ocasião da inauguração da Agência de Vila Real da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Estes folhetos eram usados como forma de angariar fundos para instituições de solidariedade social e tinham como conteúdo pequenos textos enquadradores da iniciativa, poemas e ilustrações que, na década de 1920, eram maioritariamente da autoria do pintor Raul Trindade Chagas e do desenhador Aureliano Barrigas.

Aureliano de Almeida Barrigas (Vila Real, 1893-1948)¹³, filho único de um médico militar de raízes durienses, dividia os seus interesses entre duas grandes paixões. Em primeiro lugar, o desporto — sugeriu a fundação do Clube de Tiro aos Pombos; foi elemento destacado da comissão organizadora do Sport Clube de Vila Real; foi praticante de motociclismo; e equacionou a realização de um circuito automóvel urbano em Vila Real (de cujo programa das corridas da década de 1930 foi co-responsável), quando reconheceu características especiais na rede de estradas da circunvalação da cidade. Em segundo lugar, e talvez mais importante, o desenho¹⁴ (ilustrador, capista, cartazista e caricaturista) — é autor da maior parte dos cartazes das Festas de Santo António nas décadas de 1920 e 1930; da linha gráfica do Circuito de Vila Real na década

¹⁰ *O Villarealense*, Vila Real, 18 de Outubro de 1923, p. 1.

¹¹ *O Villarealense*, Vila Real, 2 de Junho de 1938, p. 1.

¹² *Ordem Nova*, Vila Real, 14 de Abril de 1935, p. 2.

¹³ Elísio Amaral Neves, *Aureliano Barrigas — Fotobiografia*, Vila Real, Julho de 2010.

¹⁴ Foi igualmente inventor, fotógrafo amador, autor de crónicas e senhor de uma grande habilidade manual (reparava automóveis, motos, bicicletas, máquinas de costura, máquinas fotográficas e outros artigos ópticos, etc.).

de 1930; dos desenhos, “cercaduras” e “decorações” das colecções de postais ilustrados editados pelo fotógrafo Miguel Monteiro; das “caricaturas” publicadas em 1925 n’ *O Comércio do Porto*, ao lado de Manuel Monterroso, que com ele alternava a secção de caricaturas do jornal em diferentes dias da semana; e também das ilustrações para os Programas das iniciativas de solidariedade social, de que damos como exemplos o “Serão de Arte” organizado pelo Hospital da Misericórdia de Vila Real, em 17 de Maio de 1924, e o “Sarau de Arte” organizado pela Sopa dos Pobres no Teatro Circo, em 24 de Abril de 1927¹⁵.

Na nossa opinião, as seis aguarelas cujo tema é o Nove de Abril de 1918 — que o mesmo é dizer, a Batalha de La Lys — da autoria de Aureliano Barrigas, poderão ser as ilustrações, ou algumas delas, para um livro (porventura destinadas ao trabalho do então capitão António Manuel da Motta e Costa, publicado no jornal *O Povo do Norte*, entre 1929 e 1930, sob o título “Infantaria 13 na Flandres”¹⁶, trinta anos antes da sua publicação em livro, embora agora com título diferente¹⁷) ou para um Programa de uma festa de angariação de fundos da Agência vila-realense da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, como por exemplo o folheto distribuído por ocasião da sua inauguração, em 1925, ou o opúsculo “*Homenagem aos mortos gloriosos*” no dia 9 de Abril, distribuído em 1922, que, à semelhança do anterior, nunca vimos.

Terminamos, citando Trindade Coelho: «[...] o dia de hoje [e recordamos que estamos a celebrar o Centenário da Batalha de La Lys], é, para a Pátria, na celebração do culto dos seus Heróis, um dos dias mais formosos da crónica dos tempos...»

¹⁵ Elísio Amaral Neves, *Aureliano Barrigas — Fotobiografia*, Vila Real, Julho de 2010, p. 29.

¹⁶ Publicado em 21 números do jornal *O Povo do Norte*, Vila Real, entre 17 de Novembro de 1929 e 11 de Maio de 1930.

¹⁷ António Manuel da Motta e Costa, *Subsídios para a História do R. I. 13*, Vila Real, 1959.













